

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

**ALINE DE ALMEIDA LACERDA**

**Vídeo e gênero: A (in)visibilidade das questões  
de gênero em sala de aula**

**Porto Alegre  
2015**

**ALINE DE ALMEIDA LACERDA**

**Vídeo e gênero: A (in)visibilidade das questões  
de gênero em sala de aula**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Marlise Geller**

**Porto Alegre  
2015**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. José Valdeni de Lima

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos os professores e tutores desta universidade que me incentivaram, ajudaram e acreditaram em mim e neste trabalho, especialmente minha orientadora Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marlise Geller pela atenção, dedicação e paciência em revisar constantemente minha produção.

Agradeço ao diretor Jean Limas e equipe diretiva pelo espaço e oportunidade de realizar as práticas na instituição a qual estão à frente e às professoras Cátia, Eliane e Marcela por aceitarem terem seus períodos de aula nas turmas de nono ano roubados por mim durante mais de um mês de práticas.

Agradeço às supervisoras Zenaide Rezende e Vanessa Willert pelo acompanhamento, confiança e apoio ao trabalho que abriga um tema tão polêmico e de pouco acolhimento nas escolas municipais.

Obrigada a minha família pelo carinho, incentivo e por compreenderem a minha ausência, principalmente a minha mãe Odete que precisou ler este trabalho a cada vírgula que eu alterava.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

## RESUMO

As mídias influenciam as pessoas no modo de viver, agir e pensar o mundo. A cada exposição, interpreta-se e absorve-se o que está sendo transmitido mesmo que nenhuma palavra seja dita. Mas será que este processo pode ser percebido? Será que se pode identificar o exato momento em que as influências atingem o receptor, que passa a pensar de acordo com o que vê e escuta? Esta pesquisa tem o objetivo de documentar e evidenciar estas influências demonstrando, através da revisão de literatura e de um estudo de caso, como este processo de alienação ocorre e como pode ser contraposto através do uso do vídeo e veiculações midiáticas na sala de aula, sob a orientação e supervisão do professor. O tema escolhido se refere às relações de gênero, pois este é um grande exemplo de assunto invisibilizado, marginalizado e de baixa representatividade na mídia, criando tabus capazes de regular, normatizar e coibir os jovens de se desenvolverem naturalmente com liberdade de serem e agirem com suas mentes e corpos da forma com que gostariam. O trabalho orientado com o vídeo em aula busca trazer uma luz a este assunto, diminuindo as resistências na aceitação das diferentes expressões de gênero e proporcionando uma análise reflexiva das mídias excludentes e parciais presentes no dia-a-dia.

**Palavras-chave:** Mídias. Gênero. Educação. Visibilidade. Mudança. Sociedade.

## **Video and gender: the (in) visibility of gender issues in the classroom**

### **ABSTRACT**

The media influence people in the way of living, acting and thinking the world. Every exhibition is interpreted and absorbed in the way it is being transmitted even if no words are spoken. But can this process be perceived? Can we pinpoint the exact moment when the influences reach the receiver, making him think according to what was seen and heard? This research intends to document and demonstrate these influences showing through the literature review and case study how this alienation process occurs and how it can be countered through the use of video and media placements in the classroom, under the guidance and supervision of the teacher. The theme relates to gender relations, as this is a great example of subject made invisible, marginalized and with low representation in the media, creating taboos which can regulate and deter young people to develop naturally with freedom, to be and to act with their minds and bodies as they would wish to. The oriented work with the video in class seeks to bring a light to this subject, decreasing the resistance in the acceptance of different expressions of gender and providing a reflective analysis of exclusive and partial media present in our daily lives.

**Keywords:** Media. Gender. Education. Visibility. Change. Society.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 O VÍDEO EM SALA DE AULA .....	11
2.1 Escola e mídia: Resignificando as produções midiáticas.....	15
3 DISCUTIR GÊNERO NA ESCOLA: UMA NECESSIDADE.....	18
3.1 A mídia e a questão de gênero na escola .....	21
4 METODOLOGIA.....	26
5 ANÁLISE DE DADOS .....	28
5.1 Questionário inicial e análise .....	28
5.2 Questões 4 e 5: Direitos e funções de homens e mulheres na sociedade.....	29
5.3 Questões 6 e 7: Existe um ideal de mulher e homem na sociedade? .....	32
5.4 Aplicação dos vídeos e relatórios das observações .....	33
5.4.1- Análise de vídeos .....	34
5.4.2 Vídeo comparado .....	36
5.4.3 Vídeo debate .....	38
6 CONCLUSÃO.....	<a href="#">40</a>
REFERÊNCIAS .....	42
APÊNDICES .....	43

## 1 INTRODUÇÃO

As tecnologias que permeiam a nossa realidade auxiliam de muitas formas em nosso dia a dia, exercem as mais variadas funções, resolvem diversos problemas e são utilizadas a todo o momento. Se nós tivéssemos que passar um dia sem as tecnologias que utilizamos normalmente, conseguiríamos perceber o quanto nos adaptamos e nos moldamos a elas, criando uma sociedade pura e basicamente tecnológica. Se a vida cotidiana pode se valer e se beneficiar das tecnologias, por que o saber escolar não poderia? Conforme Leite, “a presença inegável da tecnologia em nossa sociedade constitui a justificativa para que haja necessidade de sua presença na escola” (2010, p. 13).

Embora as tecnologias nos auxiliem de muitas formas, o mau uso ou o uso mal orientado delas permite que a sociedade seja vítima da reprodução de estruturas inadequadas, retrógradas, fúteis e superficiais de consumo que desqualificam as pessoas que não se encaixam ou não acreditam nos valores estipulados e divulgados insistentemente por elas. Mesmo não querendo, somos influenciados pela mídia e facilmente manipulados, pois ela já faz parte de nosso cotidiano e já é considerada parte de nossas vidas, sendo automaticamente passível de credibilidade.

Partindo destes pressupostos, este trabalho baseia-se na vontade de justificar a importância do uso das mídias, principalmente o vídeo, em sala de aula, com o intuito de desenvolver os saberes de forma crítica, analisando o que nos é mostrado, questionando, e ensinando o educando a questionar, o que é bom e justo e o que não é, o que se deve considerar e acreditar do que está sendo mostrado e o que não deve, diferenciando e ensinando-os a diferenciar a fantasia consumista presente na mídia da própria realidade.

O primeiro capítulo deste texto, trata da importância deste trabalho com os jovens em sala de aula, trazendo-lhes uma nova forma de ver e utilizar o vídeo, retirando o vídeo do ambiente informal de lazer e transportando-o para o ambiente formal da escola. No momento em que realizamos o deslocamento do vídeo para a sala de aula podemos fazer os devidos apontamentos, críticas, comparações, análises e ensinar os educandos a lerem nas entrelinhas e a compreenderem o que está sendo mostrado, os objetivos de tais vídeos, os usos e interpretações que podemos fazer deles, os benefícios ou malefícios que estes podem nos trazer ...O vídeo na sala de aula vai além do simples divertimento e possibilita a



análise do que está posto e uma ampla reflexão das nossas próprias formas de ver o mundo e agir nele.

Como buscamos desenvolver uma análise crítica das mídias e comprovar o quanto esta pode influenciar-nos, manipular-nos ou impor padrões, o tema escolhido a ser estudado no segundo capítulo foi a mídia e as questões de gênero, pois estas são constantemente invisibilizadas e postas de lado, tendo desconsiderada toda a sua importância. Mesmo sendo um assunto tão pouco estudado e debatido, estas questões são primordiais a serem discutidas em sala de aula visando o desenvolvimento do relacionamento interpessoal e de não-violência dentro e fora do ambiente escolar, da personalidade e identidade dos jovens. As estruturas hierárquicas de gênero que diferenciam homens e mulheres e colocam barreiras para o desenvolvimento pleno do indivíduo rotulando, proibindo, julgando... Apoiam-se e perpetuam-se por meio de sinais e representações presentes nas mídias que atuam na regulação dos seres e apresentam modelos a serem seguidos impedindo que as pessoas consigam desenvolver suas identidades de gênero livres das amarras sociais que os oprimem, causando diversos transtornos e frustrações desnecessárias na vida, principalmente, dos adolescentes. Neste capítulo exploraremos esta problemática a fim de utilizar o vídeo como ferramenta na desmistificação das questões de gênero em sala de aula e visando causar impacto nas formas de ver, entender e ser dos alunos pesquisados.

O terceiro capítulo, apresenta a metodologia a ser utilizada ao longo da pesquisa e explicita como será a dinâmica das atividades e a aplicação dos conhecimentos estudados nos dois primeiros capítulos que nos indicam a importância do uso das mídias em sala de aula e do estudo das relações de gênero e tem como objetivo apontar indícios do impacto positivo nas relações e formas de ver gênero entre os jovens a partir do momento em que utilizamos a mídia como aliada para contrapor argumentos que perpetuam desigualdades. No quarto capítulo são registradas as práticas envolvendo as dinâmicas de análise de vídeos, comparação e debates a fim de demonstrar a eficácia da exploração dos vídeos na alteração da forma de enxergar gêneros, evidenciando as mudanças ocorridas a curto prazo e as possibilidades de mudança se utilizada esta sistemática por um tempo maior.

No quinto capítulo temos a conclusão do trabalho, apontando os pontos mais significativos da pesquisa e o que pudemos observar através deles. Nela destacamos as mudanças que os alunos expressaram a partir deste novo olhar em relação às relações de gênero e outros aspectos que foram surgindo ao longo das análises, que nos apontam

caminhos para novos estudos e novas abordagens.

A seguir, temos a indicação das referências utilizadas ao longo de toda a pesquisa, livros e artigos que possibilitaram desenvolvimento da proposta que envolveu gênero e mídia, embasaram a pesquisa e auxiliaram desde a construção das questões até o desenvolvimento das atividades e da conclusão.

Os apêndices são compostos de apêndice 1 onde temos o questionário realizado, previamente, apêndice 2 onde se encontram os relatórios dos vídeos e apêndice 3 onde consta a atividade de vídeo comparado e observação de vídeo para o debate.

## 2 O VÍDEO EM SALA DE AULA

Podemos dizer que o vídeo é uma das mídias mais utilizadas pelos jovens em sua vida diária, sendo nas redes sociais, em sites de compartilhamento de vídeos, programas de televisão, blogs, ou até mesmo, de forma mais clássica, através de um simples aparelho de DVD. Este tipo de mídia, devido às suas propriedades sensoriais, pode ser considerada a tecnologia que mais influencia (direta ou indiretamente) os adolescentes em sua forma de pensar e agir em suas vidas. Segundo Moran (1995, p2):

As linguagens da TV e do vídeo respondem à sensibilidade dos jovens e da grande maioria da população adulta. São dinâmicas, dirigem-se antes à afetividade do que à razão. O jovem lê o que pode visualizar, precisa ver para compreender. Toda a sua fala é mais sensorial-visual do que racional e abstrata. Lê, vendo.

Desta forma podemos dizer que para um jovem, um vídeo pode ser muito mais significativo e fácil de compreender do que um texto, pois o nível de concentração e decodificação requeridos na linguagem escrita são muito maiores do que em um vídeo que se vale de diversos recursos sensoriais, levando o receptor a compreender o que está sendo representado como se ele o estivesse vivenciando. O vídeo proporciona uma grande acessibilidade a conteúdos e saberes que através de leitura de livros didáticos, textos e até mesmo folders seriam muito complicados de serem assimilados devido ao caráter estático, descritivo e cansativo destes tipos de mídia, principalmente para jovens já habituados ao acesso cada vez mais interativo e instantâneo a informação. Como afirma Whonrath (2008, p. 9):

O audiovisual possui características específicas associadas à compreensão e transmissão de mensagens. Enquanto na leitura cada palavra tem sua importância e, lendo, é possível progredir de maneira linear até a compreensão final no término da frase ou parágrafo, na mensagem audiovisual há um fluxo contínuo de signos. A rapidez com que o som e as imagens são decodificadas pelo cérebro somada às inúmeras sensações perceptivas estimuladas por elas, faz do audiovisual um recurso proficiente no processo de ensino-aprendizagem.

Através do vídeo o indivíduo pode aprender, entender se desenvolver de forma facilitada, dinâmica e prazerosa sem muitas vezes perceber, devido ao caráter informal, fluido e prazeroso que o vídeo possui. Esta intimidade entre o jovem e o vídeo pode e deve ser considerada uma grande vantagem a ser aproveitada pelos profissionais da

educação na busca por um ensino qualificado e que realmente busque o desenvolvimento global do aluno, pois segundo Moran (1995, p.2):

O vídeo está umbilicalmente ligado à televisão e a um contexto de lazer, e entretenimento, que passa imperceptivelmente para a sala de aula. Vídeo, na cabeça dos alunos, significa descanso e não "aula", o que modifica a postura, as expectativas em relação ao seu uso. Precisamos aproveitar essa expectativa positiva para atrair o aluno para os assuntos do nosso planejamento pedagógico.

O papel do professor no trabalho com mídias como o vídeo passa a ser de fundamental importância a partir do momento em que o educando desenvolve esta intimidade com a mídia, pois o acesso facilitado aos vídeos pode permitir aos sujeitos entrar em contato com diferentes conceitos e conhecimentos e viver diversas experiências, esta dinâmica faz com que este tipo de mídia cause grande impacto no desenvolvimento do ser e de suas visões de mundo, fazendo com que este possa ter acesso a uma imensa quantidade de informações e conceitos que, como jovem, pode não ter maturidade para refletir sobre, concedendo automaticamente legitimação e credibilidade a tudo o que está sendo dito e mostrado, sem uma análise crítica.

Esta relação consolidada e cotidiana sem uma análise adequada, permite que o receptor se sinta tentado a não questionar o que vê mesmo que este seja claramente falso ou tendencioso, permitindo que a mídia seja sua grande formadora de opinião e que prossiga acima de qualquer suspeita. Como exemplo, podemos citar os documentários de canais de TV especializados como *Discovery Channel*, *History Channel* e *National Geographic Channel* que receberam, ao longo dos anos, grande prestígio pelos documentários bem produzidos, interessantes e educativos que desenvolviam, obtendo total credibilidade e confiança por parte de seus telespectadores. Há alguns anos atrás, alguns destes canais se dedicaram a produção de certos programas televisivos conhecidos hoje por “Mockumentaries” ou documentários “*what if*” que consistiam em programas produzidos no estilo documentário, mas com criações, simulações e não verdadeiras descobertas científicas. Estas produções causaram confusão e certa perda de credibilidade, pois estes canais conhecidos por sua seriedade e teor científico nas produções passaram a serem vistos com desconfiança no momento em que divulgaram documentários falsos sem o devido esclarecimento, levando aos telespectadores mais exigentes a não assistirem mais a estes canais e trouxe a público a discussão sobre ser ou não verdade tudo o que é veiculado na televisão e em outros tantos meios de comunicação aos quais estamos acostumados e tão bem adaptados.

Se as pessoas em geral já não costumam questionar por si mesmas certas representações criadas e apresentadas pela mídia ou checar sua veracidade, aceitando-as como verdades absolutas e inquestionáveis podemos imaginar o quanto esta mídia é capaz de alienar os educandos como indivíduos em formação, sujeitos a todo e qualquer tipo de influência existente. Diante desta situação o papel da escola e do professor se torna fundamental e cada vez mais necessário na desconstrução de conceitos falsos, fantasiosos, distorcidos ou retrógrados reforçados pela mídia burguesa que manipula as massas populacionais a seu bel prazer, visando somente atingir e manter suas porcentagens de lucros, impossibilitando as mudanças necessárias para o desenvolvimento de uma sociedade melhor e mais igualitária. Infelizmente, a mídia exerce sua influência sobre todas as pessoas expostas a ela, permitindo a manutenção de uma sociedade desigual, hierárquica, consumista e superficial, reproduzindo preconceitos, dogmas, visões de mundo limitadas e deturpadas que favorecem a manutenção do sistema classista e capitalista vigente.

Uma forma interessante de quebrar este ciclo vicioso de reproduções alienantes e por vezes sem sentido, seria trazer estas projeções para serem debatidas, discutidas e analisadas em sala de aula, permitindo que os alunos realizem uma análise crítica destas projeções, interpretando, desconfiando e resignificando o que está sendo visto. Sabemos que, felizmente, as funções da escola na contemporaneidade vão muito além da simples transmissão dos conteúdos básicos, hoje, os profissionais da educação devem exercer o compromisso de zelar pelo pleno desenvolvimento de seus educandos, permitindo que se desenvolvam amplamente em diversas áreas e aprendam a exercer a cidadania apropriando-se do direito e dever de ser, agir e pensar de forma crítica, criativa, autônoma e questionadora.

Se considerarmos o vídeo como algo naturalmente ligado ao dia-a-dia dos alunos, à informalidade e ao lazer, podemos tomar proveito desta relação trazendo estes vídeos ao debate e análise em conjunto com a turma, confrontando-os com outros sobre mesmo assunto, que tragam opiniões favoráveis e adversas, abrindo espaço para a discussão e exposição de novas idéias visando confrontar os moldes pré- estabelecidos pelo senso comum através da argumentação, reflexão e resistência a estes preceitos. Esta sistemática ressalta a importância da intervenção e mediação do professor na análise das produções audiovisuais, objetivando estremecer as certezas advindas da dominação midiática a que somos submetidos e expostos cotidianamente, Como diz Whonrath (2008, p. 1):

O avanço da ciência e da tecnologia ampliou a variedade e a acessibilidade dos recursos comunicacionais. Nesse sentido, o campo de abrangência do audiovisual mostra-se extremamente diversificado e passível de uma série de encaminhamentos por diferentes áreas do conhecimento.

O uso bem conduzido e administrado do vídeo em sala de aula possibilita um acesso rápido, conciso e relacional entre diferentes conteúdos, visões de mundo, opiniões e informações, fomentando debates e construindo conhecimento de forma estimulante, sensorialmente ampla, dinâmica e agradável. Além de simplesmente atrair o aluno para os assuntos da aula, o trabalho com o vídeo pode trazer contribuições nos estudos de praticamente qualquer área e exercer a função de elemento sensibilizador do grupo, envolvendo os educandos ao assunto de discussão.

O trabalho com o vídeo pode ser feito de diversas formas, como análise orientada de vídeos, que consiste em analisar aspectos da mídia pré selecionados pelo professor e apresentar argumentos que justifiquem suas opiniões. Neste procedimento o desmembramento do vídeo se torna necessário, destacando os aspectos principais do vídeo como o assunto tratado, qual a sua mensagem principal, se é benéfica ou não, a quem se, direciona, que conseqüências traz...

Outra forma de trabalho seria a comparação de vídeos, que consiste em verificar dois ou mais vídeos sobre um tema pré selecionado a fim de identificar semelhanças, diferenças e contrapontos em todos os aspectos possíveis, identificando se a mensagem é a mesma, se o público é o mesmo, se as conseqüências são as mesmas ou se todas ou algumas propriedades são antagônicas ou diferenciadas...

Além destas duas formas de utilizar o vídeo, a dinâmica de debates a partir do vídeo é uma das principais formas de trabalho, trazendo resultados rápidos e significativos consistindo em debater sobre um tema específico utilizando o vídeo assistido como base para tal. O debate a partir dos vídeos pode e deve ser acompanhado sempre que possível da análise e da comparação, pois estes processos combinados possibilitam maior reflexão e subsídios para a criação de novos conceitos.

Estas dinâmicas, entre outras, são ferramentas de grande importância neste processo de fomento a criticidade permitindo aos alunos agirem e refletirem sobre o que vêem expostos nas mídias, obtendo maior discernimento, não acreditando em tudo o que é divulgado e questionando os signos e conceitos expostos como reais, verdadeiros ou naturais.

## 2.1 Escola e mídia: Resignificando as produções midiáticas

Por muitos anos, as mídias audiovisuais veicularam e fizeram a sociedade acreditar e buscar certos padrões ideais de ser humano, invisibilizando ou divulgando de forma deturpada e caricata qualquer forma de viver que se distanciava de seu ideal. Esta forma de comunicação elitista e excludente coloca a população em um ciclo vicioso de crenças pré-estabelecidas, capazes de regular o comportamento sem que percebam. Para Mowen e Minor (2003, p. 166):

Comunicação consiste no uso de um sinal para transmitir um significado. Um sinal pode ser uma verbalização, uma expressão vocal, um movimento do corpo, uma palavra escrita, uma figura, um odor [...] Quando se fala de comunicação, podemos estar nos referindo a palavras faladas, a uma mudança súbita no tom de voz, a uma palavra escrita, a uma representação pictórica ou a um gesto.

Através da comunicação midiática, tendemos a reproduzir, divulgar e contribuir para a perpetuação de falsos padrões tidos como verdadeiros, naturais, corretos e aceitos, sem discuti-los de forma adequada, permitindo com que os meios de comunicação sirvam indireta e sutilmente como formas de supremacia e legitimação social do que é considerado bom ou digno se ser perseguido, gerando assim um antagonismo onde o que não é posto na mídia como normal, natural, verdadeiro, bom e certo passa a ser, conseqüentemente, anormal, antinatural, ruim, sujo, vergonhoso e falso (LOURO, 2010).

Felizmente, com o advento da Internet e a democratização da informação, não somos mais apenas receptores reféns de umas mídias burguesas, machistas, magras, brancas e heterossexuais. Graças às mídias alternativas e as redes sociais as barreiras que nos separam de um mundo mais igualitário estão cada vez mais frágeis e as estruturas que nos regulam aos poucos se tornam mais flexíveis, pois hoje, podemos acessar e produzir uma cultura audiovisual própria, sem a necessidade do aval das grandes emissoras. Este fenômeno torna possível a todo e qualquer cidadão utilizar o vídeo para se posicionar frente às questões político-sociais a que somos expostos, gerando novas discussões e possibilitando novos questionamentos frente à realidade em que somos inseridos, a que somos virtualmente apresentados ou submetidos. Para Moran (1995, p.2):

O vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força. Atingem-nos por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário), em outros tempos e espaços. O vídeo combina a comunicação sensorial-cinestésica com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão. Combina, mas começa pelo sensorial, pelo emocional e pelo intuitivo, para atingir posteriormente o racional.

É com esta intenção, de atingir mais profundamente o educando através de todos os sentidos possíveis, sensibilizando, mostrando diferentes ângulos e formas de ver o mundo e os seres humanos, que o vídeo está sendo utilizado no presente trabalho, priorizando o sentido transformador e libertador de educação, pois de nada adianta a educação escolar se esta estiver totalmente à parte dos problemas sociais perpetuados através da invisibilidade e da falta de debate sobre assuntos que necessitam ser vistos e debatidos para a construção de uma nova ordem social.

Mesmo que o vídeo na internet tenha surgido nas últimas décadas como um mero divertimento, este passou a ser, nos dias de hoje, uma ferramenta política de transformação social onde as minorias politizadas puderam encontrar espaço para mostrarem-se e agirem politicamente, vencendo preconceitos e obrigando as emissoras de televisão a mudarem a cada dia mais sua forma de conduzir suas programações, tendo em vista manter seus níveis de audiência. Este processo de reconstrução e reelaboração da mídia não podem ficar para fora dos muros da escola, pois esta como uma representação micro-cósmica da sociedade assim como é influenciada e atingida por estas mudanças também pode influenciar e atingir a sociedade, analisando, auxiliando, ampliando as discussões, possibilitando a reflexão e mudanças na forma com que os alunos enxergam e interagem com o mundo.

Afinal, os alunos precisam ser ensinados a fazerem boas escolhas quando estão vendo vídeos, se não os ensinarmos a pesquisar, assistir e buscar vídeos críticos e politizados, para eles a internet e os vídeos nela inseridos continuarão sendo apenas uma ferramenta de entretenimento, sem pretensões para além do efêmero, divertir-se, sem contribuir em nada para a criação de uma sociedade melhor ou para a própria formação deles como seres agentes na sociedade. Não podemos esperar que os alunos por si mesmos procurem vídeos de cunho crítico, mas podemos proporcionar na escola momentos em que eles entrem em contato com vídeos divertidos e prazerosos, mas que apresentem algo a ser estudado ou que possa acrescentar em sua formação, desta forma criando um vínculo aluno-vídeo diferenciado daquele já constituído compulsoriamente. Através deste contato



proporcionado pela escola, os discentes recebem a oportunidade de mudar o sentido de ver vídeos e o próprio sentido de divertirem-se, sem esta intervenção dificilmente os educandos se interessariam por esta categoria de vídeos e seguiriam reproduzindo comportamentos e conceitos inadequados ao século em que vivemos ou à humanidade que queremos.

Se buscamos libertar o educando de certas influências negativas e prejudiciais advindas das veiculações midiáticas, temos que ter o hábito de ensiná-los a enxergar de forma crítica o que está sendo transmitido, questionar suas certezas e levá-los a formular novos conceitos e a enxergar o mundo em uma nova perspectiva. Seguindo esta proposta de trabalho com as mídias, que busca libertar o ser de preconceitos estabelecidos de forma sutil em suas vidas, conseguiremos, sensibilizar, atingir, deslumbrar e trazer os alunos para a reflexão sobre quaisquer assuntos pertinentes a sua realidade ou de sua comunidade que sem a interferência do professor poderiam passar despercebidos.

### 3 DISCUTIR GÊNERO NA ESCOLA: UMA NECESSIDADE

Como afirmam Nardi, Silveira e Machado (2013, p. 7):

O campo das relações de gênero e da diversidade sexual constitui um núcleo importante dos debates políticos e científicos contemporâneos em torno dos direitos humanos. Desde a segunda metade do séc. XX, os movimentos sociais têm se empenhado na luta por direitos igualitários entre homens e mulheres, independente da orientação sexual e da expressão de gênero. As políticas públicas direcionadas a estas questões são ainda mais recentes e alvo de contestação e embates teórico-políticos.

Neste ano, presenciamos em todos os estados brasileiros uma grande discussão sobre estudar ou não as questões de gênero nas escolas. Apesar de todas as polêmicas, lutas e militâncias este tema, por fim, foi excluído do Plano Nacional de Educação para os próximos dez anos, demonstrando falta de maturidade política, um conservadorismo exacerbado misturado a crenças religiosas e uma grande falta de conhecimento do tema. Falar de gênero nada tem a ver, pelo menos não necessariamente, com a orientação sexual dos educandos, embora a questão da sexualidade também configure um tema relevante a ser discutido e que é posto nos Parâmetros Curriculares da Educação - PCN. Segundo os PCN (1988):

Se as palavras, comportamentos e ações dos pais configuram o primeiro e mais importante modelo da educação sexual das crianças, muitos outros agentes sociais e milhares de estímulos farão parte desse processo. Todas as pessoas com quem convivem — outras crianças, jovens e adultos — ao expressarem sua sexualidade ensinam coisas, transmitem conceitos e idéias, tabus, preconceitos e estereótipos que vão se incorporando à educação sexual. A mídia, nas suas múltiplas manifestações, e com muita força, assume relevante papel, ajudando a moldar visões e comportamentos. Ela veicula imagens eróticas, que estimulam crianças e adolescentes, incrementando a ansiedade e alimentando fantasias sexuais. Também informa, veicula campanhas educativas, que nem sempre são dirigidas e adequadas a esse público. Muitas vezes também moraliza e reforça preconceitos. Ao ser elaborada por crianças e adolescentes, essa mescla de mensagens pode acabar produzindo conceitos e explicações tanto errôneos quanto fantasiosos.

Falar de gênero não é o mesmo que falar em sexualidade é entender como o ser humano se constitui e constrói a sua identidade, encaixando-se ou não nos padrões estipulados e esperados pela sociedade, é compreender que isso não é algo definido pela natureza ou pelo sexo biológico, mas sim algo socialmente construído e que se apresenta

de diferentes formas ao longo da história e de acordo com a sociedade em que se está inserido. É perceber que não existe uma “natureza feminina” ou uma “natureza masculina” que nos obriga a agir ou ser de tal forma de acordo com os órgãos genitais de cada indivíduo, mas sim uma construção humana baseada em uma norma sexista perpetuada através das gerações, que nos regula e insiste em vincular sexo ao gênero como se fossem umas coisas só, dadas naturalmente.

Percebe-se que, em grande escala, os atributos construídos remetem a um essencialismo, ou seja, como se existissem duas naturezas, uma feminina e outra masculina, que predisõem as mulheres a valores como paixão, ternura, maternidade (tudo que remete ao mundo privado, doméstico), ao passo que os homens teriam como características inerentes a lógica, o raciocínio, a cultura e o mundo público/político. A teologia feminista questiona dicotomias, polaridades e dualismos que cerceiam as potencialidades humanas. A análise das relações de gênero permite identificar como se dão as relações de poder, ou seja, como os papéis sociais determinam possibilidades e impõem limitações, apontando expectativas sociais e cerceamentos, indicando padrões de comportamento que são considerados aceitáveis ou não. (DEIFELT, 2003 p. 172)

Falar de gênero na escola é ensinar que ninguém é melhor que ninguém, é humanizar as relações, deslegitimar a violência contra a mulher ou a qualquer outro ser humano, é ensinar que todos merecem respeito e têm direito de serem da forma que os faz sentir bem, é mostrar que as cores fazem parte do mundo e que nenhum menino deixa de ser menino por usar uma camisa rosa e que nenhuma menina deixa de ser menina por brincar de carrinho. Se gênero é tudo isso que foi citado porque tanta resistência? Por que mexer nestas estruturas sociais que colocam meninas para um lado e meninos para outro, causa tanto medo e desconforto nas pessoas?

Os problemas relacionados a gênero em sua forma mais ampla se perpetuaram na invisibilidade e somente nos últimos 40 anos tornaram-se mais visíveis através de movimentos e repercussões midiáticas. Esta visibilidade acabou trazendo a tona um velho discurso de “No meu tempo não era assim”, pois agora todos (mesmo que não queiram) passam a ver o que sempre esteve ali, escondido, reprimido e camuflado, pois as relações de gênero e seus problemas sempre existiram. O estudo destas questões causa esta instabilidade como um dia causaram (e infelizmente ainda causam) os movimentos trabalhistas, sociais e étnico-raciais, pois nos representa algo novo, recente, como se fosse uma invenção da atualidade, questiona todas as certezas postas como verdades absolutas e abala as estruturas de uma sociedade acostumada a reproduzir conceitos e preconceitos perpetuando relações desiguais de poder sem ao menos questionar.

A manutenção deste tipo de sociedade apóia-se na exclusão dos diferentes e daqueles que discordam de seu funcionamento. É uma sociedade que cala, busca corrigir os que se desviam de seus preceitos e impede que estes ascendam utilizando a invisibilidade e desumanização como ferramenta de dominação, a ponto de colocar o outro como inferior, imoral, abominação, antinatural. A fim de preservar suas estruturas, valendo-se do pretexto de proteger a família e os bons costumes. Claro que até algumas décadas atrás, pouco se falava em questões de gênero e quando se falava o que vinha em mente era o feminismo, afinal, acreditava-se (e ainda muito se acredita) que a sociedade era formada de homens, mulheres e crianças como simples reflexos destes e que nada além disso existia ou poderia vir a existir.

Sob esta ótica as funções de cada gênero se mantinham extremamente rígidas e definidas, ao homem cabendo a governança no ambiente público, no exército, nos estudos e inovações, enquanto que as mulheres eram restritas ao matrimônio, a organização do ambiente privado, os cuidados com o lar e os filhos. Esta divisão de tarefas fez perdurar uma concepção de sociedade norteada pelo sexismo, onde apenas o sexo biológico poderia definir o lugar a que o sujeito iria pertencer no mundo, desde seu nascimento até o dia de sua morte.

Não é novidade o fato de que a origem dos estudos de gênero, que toma maior proporção a cada dia, reside nas lutas das mulheres por igualdade de direitos, mas seria um erro dizer que esta luta é recente e que se iniciou com o movimento feminista. O simples fato de muitos considerarem as lutas de mulheres como um fenômeno moderno (originado na França do séc. XVIII durante a revolução francesa, onde Olympe de Gouges propôs a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã e fomentada pelas necessidades de reestruturação dos países pós e entre guerras) é uma demonstração do quanto a mulher foi excluída da história e o quanto a invisibilidade desta luta serviu como estrutura de dominação e manutenção das relações sociais ao longo dos séculos e que infelizmente se mantém até os dias de hoje, mesmo que flexibilizadas.

Se olharmos atentamente para os registros históricos, religiosos e conhecimentos difundidos nas escolas, poderemos perceber uma grande ausência do gênero feminino. Nos livros, pouco ou nada se fala das filósofas, das inventoras, das curandeiras, das sacerdotisas e deusas dos tempos antigos. A mulher ativa e participante na construção social simplesmente foi retirada e impedida de exercer qualquer protagonismo histórico, dando lugar à mulher passiva, aquela que aceita e espera, a esposa, a dona de casa, a mãe, a

feiticeira, a sedutora, a adúltera. Esta falta de representatividade feminina sob outros ângulos que não estes últimos, impediu-nos de perceber a mulher como sujeita histórica e ativa no mundo. Permitiu a inferiorização dela, a assimilação da misoginia por parte da sociedade e a legitimação da crença de que a história de luta da mulher começa somente com o feminismo moderno, movimento este que trouxe às claras o que já estava lá há muito tempo.

O feminismo possibilitou a conquista de diversos direitos que antes da organização destes coletivos eram privilégios dos indivíduos do sexo masculino, propôs o resgate histórico da mulher e a busca da visibilidade e representatividade do feminino como parte importante e fundamental da sociedade, preocupou-se com o combate a misoginia e trouxe ao debate os preconceitos que permeiam nossa sociedade e nos impedem de ver o mundo e as pessoas como elas realmente são e não como a organização social vigente ordena que sejam.

Foi a partir das lutas feministas que questionavam a norma social, que abriu-se um leque de outras causas reivindicando para si esta mesma voz, ampliando-se a quantidade de movimentos e a visão de gênero que passou a transcender, e muito, a questão do sexo biológico. Se antigamente falar em questão de gênero remetia a homem-mulher, hoje temos uma pluralidade de identidades de gênero a serem visibilizadas, ouvidas e incluídas socialmente. Desta forma acredito que, falando em visibilidade, nada melhor do que o trabalho com o vídeo em sala de aula que é capaz de mostrar e democratizar este tema tão importante e tão mal discutido. O trabalho com o vídeo proporcionará aos educandos enxergar criticamente estas reproduções sociais e quem sabe ocasionar mudanças na postura diária e nas ações de cada aluno, refletindo na diminuição do *bullying* sexista, machista, homofóbico, transfóbico, misógino... E de outras tantas violências escolares e não escolares, pois estas postura de intolerância se refletem não somente na escola, mas em todos os núcleos da sociedade.

### **3.1 A mídia e a questão de gênero na escola**

Pensando nesta busca por transformação social, a questão de gênero se mostra muito pertinente, pois a mídia através de suas novelas, filmes, séries, reportagens, propagandas e outras tantas programações age na manutenção de estruturas rígidas que

rotulam e padronizam os seres e suas ações de acordo com o sexo biológico ou gênero a que pertencem, delegando funções e proibições de formas muito sutis. Um exemplo muito simples de regulação, principalmente a feminina, seria o biótipo das atrizes e modelos que surgem ao longo do dia nas programações televisivas e seguem um padrão único de beleza, sendo elas em geral magras, altas, brancas, de longos e claros cabelos enquanto que os atores do sexo masculino tem maior liberdade de terem corpos diferentes, de serem mais gordinhos ou grisalhos.

Outro exemplo seriam as propagandas veiculadas para públicos específicos a serem atingidos, como comerciais de cerveja que visam fortemente atingir o público masculino, onde a mulher aparece muitas vezes de forma secundária, passiva, objetificada e estereotipada ou os comerciais de produtos para beleza e emagrecimento que trazem uma visão deturpada do corpo humano e da saúde levando o espectador, principalmente o jovem, a crer que todos os corpos devem ser iguais ou que vale tudo para se ter um corpo perfeito.

Aparentemente, a preocupação estética com o corpo está por se converter, hoje, em eventual inibidor de muitos relacionamentos, tendo em vista a elevação do nível de exigências eróticas em muitos dos sujeitos da indústria cultural. A obsessão estética, nem sempre erótica, é, mais do que um retrocesso na emancipação feminina, fator de um crescimento dos enganos, fracassos e decepções entre homens e mulheres. (RUDIGER, 2013, p. 125)

Durante a adolescência, a influência da mídia como reguladora atinge mais fortemente as pessoas, pois estas se encontram em uma fase de formação de caráter e personalidade e são mais suscetíveis a influências externas. Estes apelos tendem a segregar os indivíduos delegando rigidamente funções, deveres e proibições relacionados ao gênero reforçando preceitos e preconceitos já tão bem aceitos pelo senso comum causando toda ordem de distúrbios vinculados a sua auto-imagem e não aceitação de si como bulimia, anorexia, depressão, transtornos de ansiedade. Que debilitam o jovem, certas vezes culminando em sua morte ou até mesmo o suicídio. Pois,

Sempre que o corpo é olhado ele é tomado e hierarquizado a partir de um modelo fechado de um corpo –biológico dotado de masculinidades e feminilidades inatas, no qual o conjunto corpo-homem-masculinidade deve ser o complemento do corpo-mulher-feminilidade. Incorpora-se como natural uma construção que é histórica. (MORAES, 2013, p.135)

Na televisão, mulheres são aquelas que têm o sexo biológico feminino e que se

sentem como tal, gostam de cuidar da beleza, são vaidosas, querem casar, ter filhos, exercem maior domínio em relação ao lar e as coisas privadas... Já os homens, apresentam-se como sedutores, trabalhadores, detentores de poder na vida pública, ativos na sociedade. Esta veiculação repetitiva de estereótipos permite a hierarquização dos gêneros, colocando homens e mulheres em diferentes patamares, inferiorizando o diferente, afetando sua auto-imagem, senso de valor e merecimento, como se a mulher que não é magra ou feminina o suficiente não fosse capaz de ser reconhecida como “mulher de verdade” ou que o homem que prefira as tarefas domésticas ou cuidar dos filhos não seja visto como “homem o suficiente”.

Muitas vezes, pessoas que não se encaixam nos padrões de gênero veiculados, acabam por ter até mesmo sua sexualidade questionada e classificada de acordo com seus gostos ou estilos de vida, deixando bem claro a falta de conhecimento do tema, da subjetividade e variedade de representações dos gêneros humanos bem como a influência do senso comum sobre os indivíduos. Até pouco tempo, uma mulher jogar em liga feminina de futebol era sinônimo de ser lésbica ou um homem ser bailarino, sinal de ser gay. Em contra partida, a recente declaração da homossexualidade de certos famosos trouxe para a discussão o quanto gênero e sexualidade podem estar distantes ou o quanto estas questões precisam ser discutidas dentro e fora do ambiente escolar. A visibilidade destes assuntos trouxe a tona o que estava escondido à margem da sociedade há muito tempo, trazendo possibilidades de novos encaminhamentos e reflexões sobre o ser humano e suas mais variadas características.

Mesmo com certa visibilidade recebida nos dias de hoje, as questões de gênero precisam ser cada vez mais vistas e discutidas, pois signos de feminilidade presentes em sujeitos do sexo masculinos ou de masculinidade em pessoas do sexo feminino ainda são vistos com estranheza e preconceito, como posturas transgressoras e inadequadas, muitas vezes vinculadas a homossexualidade, como se estes signos definissem a sexualidade do ser, pondo sexualidade e gênero como sinônimos ou características necessariamente relacionadas. Assim um homem com características femininas ou uma mulher com características masculinas passam a ser identificados como homossexuais mesmo que suas relações sejam heterossexuais ou ao contrário, um homem muito masculino ou mulher muito feminina são classificados naturalmente como heterossexuais mesmo que o objeto de desejo destes sejam alguém do mesmo sexo. Estas confusões de gênero, imagem e sexualidade misturados podem acarretar aos jovens sérios problemas na construção da

identidade e nos relacionamentos com seus pares, promovendo atitudes de exclusão e auto exclusão, *bullying* e outros tipos de violência dentro e fora da escola.

A reprodução dos estereótipos de gênero muitas vezes impede que os jovens se permitam exercer na vida suas vontades por medo de serem taxados do que não são, por receio de serem expostos, ofendidos, ou por terem sua identidade de gênero ou sexualidade questionadas por outros que acreditam e seguem como regra o que é veiculado causando frustrações, advindas destas repressões. A temática de gênero e também da sexualidade é muito pouco discutida, causando uma série de incompreensões e mal estares onde o que está subentendido ganha força de lei, obrigando a pessoa a se encaixar minimamente nos estereótipos propostos ou ser automaticamente excluída, sendo banida do convívio público e socialmente invisibilizada.

Esta hierarquização injusta, que considera os estereótipos de gênero como relações naturais e não historicamente construídas permite que os seres que não se encaixam nestes padrões pré concebidos sejam rebaixados do status homem-mulher e que estes sejam considerados seres inferiores, desviantes, a parte da sociedade. Esta construção perversa, permite até mesmo a desumanização dos corpos onde aquele que não se encaixa nos padrões binários tradicionais passa a não ser considerado como ser humano, legitimando e permitindo toda sorte de perseguições, agressões ou intromissões que buscam curar, salvar ou corrigir o indivíduo que está desviado da “normalidade”.

Partindo desta ótica binária, onde o homem e a mulher exercem papéis bem definidos, podemos contar nos dedos a participação de pessoas transgêneras nas programações da mídia. Em televisão vemos poucas pessoas que questionam as formas de ser e viver os gêneros, muitas vezes esta questão fica reduzida a apresentação de *drags* e travestis em quadros humorísticos, dando um caráter pouco sério a discussão pertinente a esta parte da sociedade que fica restrita, muitas vezes, à perseguição, prostituição e ao submundo. Esta falta de representatividade impede, muitas vezes, que se concretize o ideal de igualdade entre as pessoas ou que se questione a atenção jurídica e psicossocial que esta parcela da sociedade deveria ter acesso. A representação humorística das questões de gênero pode servir como divulgadora da questão e como forma de visibilidade além de um simples entretenimento, mas é necessário, para os dias atuais, que as diferentes representações de gênero se desloquem do viés humorístico e atinjam discussões mais sérias.

Para além disso, a presença de representações transgêneras somente no humor



legitimam em certo grau o *bullying* sofrido pelos estudantes que apresentam características possivelmente vinculáveis a quaisquer destes personagens, ferindo a liberdade de ser e viver do aluno, coibindo e oprimindo-o em sua conduta além de abrir espaço para o desenvolvimento de uma série de distúrbios psicológicos e emocionais. Estes problemas gerados por esta representação negativa da transgeneridade poderiam ser minimizados se a mídia divulgasse o assunto com mais seriedade e atenção, tratando esta categoria de gênero como uma categoria humana possível e não de forma desumanizada, risível e caricata.

Segundo Moraes (2013, p.144):

A experiência cotidiana (de invisibilidade e hierarquização) pode fornecer-nos tal tipo de compreensão, a qual se torna ainda mais concreta quando é vivida por grupos sociais minoritários que diretamente sofrem as consequências mais dramáticas de tais políticas de hierarquização da vida, muitas vezes aparentes apenas sob a forma de hábito (marcadores como fala, vestimenta, expressões corporais [...])

Desta forma, experiências sensoriais com vídeos afirmativos ou que debatem sobre o tema podem auxiliar na construção de relações mais saudáveis dos adolescentes com seus corpos, suas sexualidades e suas formas de serem neste mundo, cruzando as fronteiras do certo e do errado estabelecidos e reafirmados cotidianamente pela mídia e pela sociedade, levando-os a perceber que é normal e natural ser diferente e que os padrões apresentados não são as únicas formas de ser e viver, reafirmando aos jovens que eles têm direito a liberdade e ao respeito independente do gênero ao qual se identificam.

## 4 METODOLOGIA

O estudo de caso realizado envolveu o acompanhamento e o trabalho pedagógico através de vídeo, durante um mês de práticas, direcionadas a alunos das turmas de nono ano de uma escola municipal de ensino fundamental, situada na cidade gaúcha de Sapucaia do Sul, composta por 840 alunos, 50 professores e funcionários e detentora de uma sala de vídeo.

Foram aplicados questionários (Apêndice 1) prévios com duas turmas de nono ano onde cada aluno expôs sua visão sobre algumas das questões de gênero, suas opiniões, conceitos e preconceitos sobre o tema. Participaram do estudo um número total de 47 alunos com idades entre 14 e 15 anos.

Após este momento inicial, onde todos responderam o questionário, as respostas dadas pelos alunos foram analisadas e destas foram escolhidas quatro questões com respostas significativas para servir de base para a pesquisa, acompanhamento e análise. Num segundo momento, os alunos assistiram a vídeos alternativos e questionadores que evidenciavam a questão de gênero e seu aspecto social e normatizador relacionados às questões respondidas pelos alunos a fim de causar mudanças e questionar o pensamento seguido até então. A primeira atividade a ser realizada foi uma análise de vídeos (Apêndice 2), a segunda uma atividade de vídeos comparados (Apêndice 3) e a terceira uma atividade de vídeo debate, onde foram registradas as impressões da pesquisadora sobre os assuntos discutidos e as reações dos alunos bem como as avaliações do vídeo discutido. Cada vídeo foi selecionado de acordo com a visão apresentada inicialmente pela turma no questionário, com o intuito de perturbar as certezas e causar dúvidas, buscando a quebra de conceitos pré-concebidos e a utilização do senso comum na argumentação. Ou seja, se uma opinião foi majoritariamente apresentada pelos alunos, vídeos e comerciais evidenciando ou contrapondo o que foi respondido, com a finalidade de qualificar o debate e a argumentação sobre este assunto, serão apresentados para que cada aluno analise e assim forme uma nova concepção sobre o assunto ou que através do trabalho com os vídeos este possa reforçar e embasar suas opiniões. Segundo Moran (2005, p.4):

É importante levantar problemáticas relacionadas com a realidade do aluno, cujas questões e temáticas em estudo partem do conhecimento que ele traz de seu contexto e buscam desenvolver investigações para construir um conhecimento

científico que ajude este aluno a compreender o mundo e a conviver criticamente na sociedade. Assim, a partir da busca e da organização de informações oriundas de distintas fontes e tecnologias, valoriza-se a articulação entre novas formas de representação de conhecimentos por meio das mídias e respectivas formas de linguagem que mobilizam pensamentos criativos, sentimentos e representações, contribuindo para a comunicação, a interação entre pessoas e objetos de conhecimento, a aprendizagem e o desenvolvimento de produções.

## 5 ANÁLISE DE DADOS

Para adolescentes que estão desenvolvendo e experienciando cada vez mais o seu corpo e sua sexualidade as questões de gênero se tornam importantes e de grande significado, pois o gênero em nossa sociedade representa a identidade a qual a sociedade espera que os adolescentes correspondam, demonstra as permissões e proibições as quais, cada pessoa está sujeita de acordo com seu sexo biológico desde o seu nascimento, mesmo que não perceba. O gênero constitui-se de uma barreira entre o que é feminino e o que é masculino exercendo uma cobrança muito forte sobre nossos jovens que buscam corresponder a estas expectativas e representar os papéis ditos necessários como prova de sucesso e de afirmação. Esta cobrança exagerada e grande preocupação com o seu lugar no mundo causam diversos problemas já citados, mas que podem ser minimizados através do estudo do gênero como algo social e não biológico.

Infelizmente, por falta de respaldo legal, discussões profundas sobre o tema, por falta de valorização ou por não ser contemplado como conteúdo básico, este assunto acaba por ficar esquecido ou reduzido aos estudos de ciências que priorizam o enfoque biológico, prejudicando a transversalidade e o desenvolvimento integral dos alunos que necessitam compreender o caráter funcional e social do gênero na sociedade, suas relações, vantagens e desvantagens. Neste aspecto e em muitos outros o uso do vídeo aparece como grande aliado e facilitador da produção dos próprios alunos no saber escolar e social de forma amena, integralizada, informal e prazerosa. Possibilitando uma construção de novas visões sobre as questões de gênero que precisam ser mostradas e exemplificadas da forma mais dinâmica e clara possível.

### 5.1 Questionário inicial e análise

Responderam ao questionário inicial (apêndice 1) 46 alunos das turmas do nono ano A e nono ano B, 22 alunas do sexo feminino, 24 alunos do sexo masculino. Em questão de gênero, todos os alunos consideraram-se Cis, ou seja, pessoas com o sexo biológico em consonância com o aspecto socialmente esperado (homem-mulher) não havendo alunos

transgêneros presentes. Em relação à sexualidade, 44 alunos se auto declararam heterossexuais e 2 alunas se declararam bissexuais.

Após o diagnóstico sexo-gênero-sexualidade, que serviu para a identificação do público a ser atingido pela pesquisa, o questionário trazia questões referentes a direitos e preconceitos objetivando o diagnóstico do pensamento dos estudantes em relação a estes assuntos. Ao ler as opções marcadas e suas justificativas ficou aparente a confusão e a dificuldade em formular opinião bem como identificar as questões sociais referentes a gênero. Alguns alunos fizeram marcações que não correspondiam com as justificativas ou apresentaram uma opinião e em outra questão confrontavam a própria afirmação com uma justificativa controversa. Apresentarei a seguir, as questões mais significativas que apontaram um norte para a escolha e montagem da dinâmica de trabalho com os vídeos.

## 5.2 Questões 4 e 5

Questão número 4:

Em sua opinião você acha que homens e mulheres tem os mesmos direitos e deveres na sociedade?

A maioria dos alunos questionados, totalizando 30 votos, acreditava, inicialmente, que homens e mulheres têm os mesmos direitos. Nas justificativas apresentadas apareceram afirmativas como: “Ninguém é melhor que ninguém”, ”somos todos iguais”, “todos fazem o que querem”. Estas afirmativas apresentadas demonstram um discurso de igualdade e liberdade decorado e reproduzido sem maior reflexão, senso crítico ou questionamento da realidade, comprovando o quanto a educação se apresenta falha no sentido de desenvolver a criticidade social dos alunos.

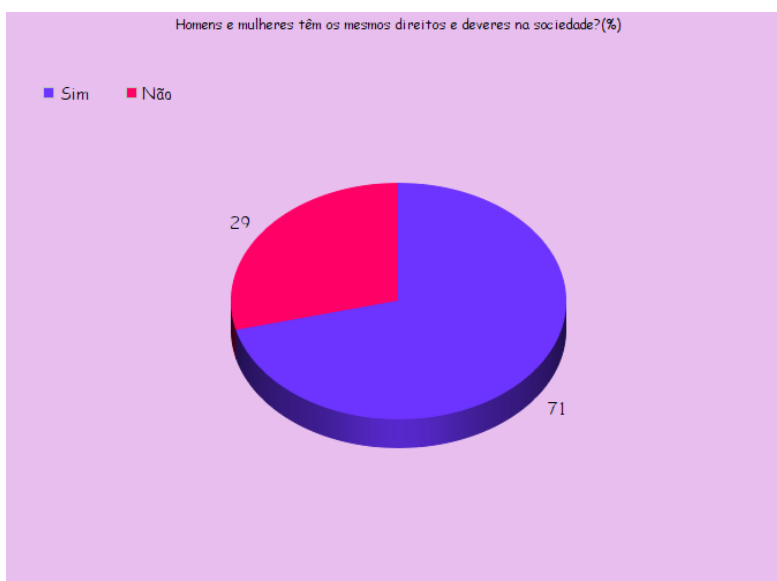
Os alunos que votaram não, totalizando 12 indivíduos, apontaram em suas justificativas: “deveriam ter, mas não tem”, “não, por causa do preconceito”, “machismo”, “homem trabalha fora enquanto a mulher cuida dos filhos”, “Não, porque mulher não serve ao exercito e tem licença maternidade”.

Analisando por gênero, 30% dos meninos reconheceram a desigualdade de gênero na sociedade enquanto que 41% das meninas reconheceram tal desigualdade, uma diferença de 11%. Demonstrando que a linha de pensamento compartilhada entre a

maioria dos alunos está pouco relacionada a suas próprias questões de gênero e que a maioria dos alunos realmente não enxerga diferenças entre direitos e acredita que homens e mulheres, independentemente do sexo tem os mesmos direitos e que estes são respeitados.

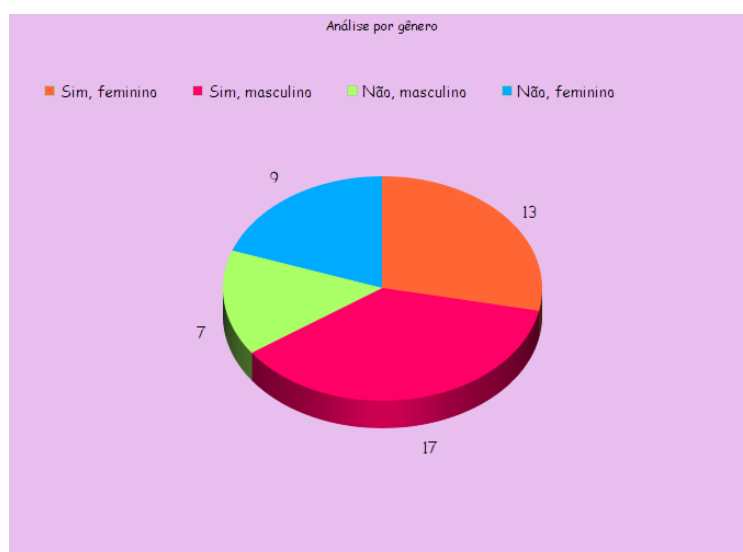
Tratando-se da invisibilidade das questões de gênero, infelizmente, este era um resultado esperado, pois a naturalização destas questões dificulta aos desatentos enxergar os direitos concedidos diferentemente e desigualmente entre os gêneros.

Figura 1 – Direitos iguais entre homens e mulheres



Fonte: Pesquisa

Figura 2- Direitos iguais, votos por gênero.



Fonte: Pesquisa

Questão de número 5:

Você acredita que homens e mulheres têm funções específicas esperadas pela sociedade?

Figura 3 – Homens, mulheres e suas funções na sociedade



Fonte: Pesquisa

A questão de número 5 apresenta aspectos semelhantes à questão anterior, mas enquanto esta paira no âmbito legislativo a outra reside no âmbito social. O resultado desta questão com relação ao gênero dos entrevistados foi em certo grau desconfortante, pois a naturalização das funções femininas é tão forte a ponto de levar as jovens a não percebê-las ou a percebê-las como naturais e corretas, comprovando a invisibilidade das relações de poder relacionadas ao gênero onde, como ressalta Louro (2013, p.144):

No processo de diferenciação (de gênero) são mobilizados recursos ou marcadores simbólicos, materiais e sociais. Muitas vezes esses recursos conseguem disfarçar o caráter construído deste processo, conseqüentemente, conseguem ocultar as relações de poder nele implicado. A diferença pode aparecer como natural, como dada.

Mais da metade dos pesquisados do sexo masculino (13 alunos) reconheceram que a sociedade delega funções diferenciadas de acordo com o sexo dos indivíduos enquanto

que poucas meninas reconheceram estas diferenças (apenas 7 meninas). Dos alunos que responderam sim a esta questão apenas 2 meninos e 1 menina apresentaram-se favoráveis a esta divisão. Dentre as funções específicas apresentadas de acordo com o gênero: “Uma mulher ainda não é bem aceita em alguns esportes e isso acaba prejudicando seus sonhos”, “mulheres não podem andar de roupas curtas, não podem ficar com muitos guris, já os homens nada disso é feio. Na verdade a sociedade é feita pelos homens em relação à mulher”, “Tem muitos trabalhos que a mulher não consegue pegar, as empresas preferem homens para isso.”, “Nós mulheres temos muito mais funções que os homens pois a mulher tem muitas coisas pra fazer no seu dia-a-dia.”, “por que as mulheres são mais frágeis que o homem”, “Na nossa sociedade o homem tem que trabalhar e trazer comida pra casa e a mulher tem que cuidar dos filhos.”, “ São várias, a sociedade é um pouco machista , pensam que as mulheres não tem capacidade de fazer o que alguns homens fazem.”, “Infelizmente temos uma sociedade preconceituosa, onde uma mulher não pode trabalhar em uma obra e homem não pode ser costureiro, que já são mal falados.”

Ou seja, segundo as respostas a estas questões homens e mulheres não tem diferentes funções exigidas pela sociedade, mas sim diferenças naturais, feitas pois é da “natureza” da mulher ser mais fraca, ser mãe, querer filhos, querer cuidar da casa.... As mulheres fazer por que querem e não por serem pressionadas ou exigidas pela sociedade.

### 5.3 Questões 6 e 7

Existe um ideal de mulher e homem na sociedade?

Dez meninas das vinte e duas entrevistadas acreditam que exista um tipo específico de mulher exigida pela sociedade e identificaram esta mulher como: “Magra e bonita”, “com um corpão”, “que se vestem bem”, “alta, loira, de olhos azuis ou verdes como aquelas modelos”, “mulher que cuida do marido e dos filhos”.

Dos vinte e quatro meninos, 9 acreditam que exista um tipo ideal de mulher exigida pela sociedade. Segundo eles esta mulher seria: “Bonita e delicada”, “Aquele que realmente ama a pessoa sem se importar com aparências” “mulheres esbeltas”, “ linda, perfeita, desejo de todo homem”, “alta, magra, de boa aparência e pernas torneadas”.

“Com relação a exigência de um homem perfeito, 11 meninos sentiram que a sociedade exige deles que sejam “forte, heterossexual e que saiba fazer tudo”, “ forte,



resistente e inteligente”, “trabalhador e carinhoso com a família”, “com dinheiro e carro”, “perfeito”, “alto e com o corpo sarado”.

Sete meninas acreditam que a sociedade exige que o homem seja: “Trabalhador, bonito e formado”, “que trabalhe e cuide da família”, “altos, de pele clara e fortes”, “magro”, “bonito, carismático, atencioso e com boa renda”. As exigências apontadas por estes alunos que conseguiram identificar as questões de gênero mostraram-se muito específicas de acordo com o sexo, as meninas perceberam mais as exigências de beleza e padrão de mulher por serem meninas, ou seja, por se enxergarem como futuras mulheres, enquanto que os meninos perceberam mais as exigências do homem na sociedade, por se identificarem como futuros homens. Este resultado demonstra que este tipo de padrão afeta diretamente a forma de pensar e de idealizar os gêneros de 42% da turma, a ponto de eles identificarem esta cobrança de forma natural e compulsória, relatando os ideais de beleza, delicadeza e maternidade para as pessoas de sexo feminino enquanto o que é mais visivelmente exigido do sexo masculino é a força, inteligência, trabalho (bom emprego) e dinheiro.

#### **5.4 Aplicação dos vídeos e relatórios das observações**

De acordo com os resultados do questionário podemos perceber que menos da metade dos entrevistados conseguiu identificar as relações de poder que são tensionadas cotidianamente entre homens, mulheres, sociedade e a mídia. Para a maioria dos educandos participantes do questionário as diferenças sociais entre homens e mulheres em questão de direitos e funções não existem, todos são iguais e tem os mesmos direitos.

Os vídeos escolhidos para o trabalho com as turmas buscam demonstrar estas relações desiguais de forma a indicar novas observações, onde cada aluno que não percebia até então diferenças entre os gêneros, passe a enxergar diferentemente esta questão, sendo mais crítico e observador, buscando estratégias para flexibilizar e minimizar estas diferenças presentes em nossa realidade e em seu cotidiano.

Partindo deste resultado, foram escolhidos 3 vídeos para serem analisados na primeira etapa do trabalho com a turma. Estes vídeos podem ser encontrados facilmente em sites de compartilhamento de vídeos como o *youtube*, O relatório utilizado nesta atividade encontra-se no Apêndice 2.

#### 5.4.1- Análise de vídeos

Vídeo 1- Como uma garota:

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aM-ZRggWTjw> - acesso em: 10/08/2015

Este vídeo é uma propaganda de absorventes, que utiliza do empoderamento feminino como forma de marketing. Ele busca questionar os estereótipos de delicadeza e fragilidade designados às mulheres, nele pessoas são colocadas em frente a uma câmera e devem “correr, lutar e fazer outras coisas como uma garota”. O resultado é previsível quando são adultos jovens que o fazem de forma risível e cheia de trejeitos. Mais tarde são chamadas crianças do sexo feminino que ao serem solicitadas para correrem e fazerem coisas como garotas, fazem normalmente. Ao final do vídeo é lançada a questão: Quando correr como uma garota se torna um insulto?”

A análise deste vídeo foi muito produtiva, tendo quase 100% de aprovação entre os estudantes.

Foram analisados 47 relatórios, destes apenas 3 alunos do sexo masculino marcaram a opção “não gostei”. Mesmo assim, destes 3 relatórios onde os indivíduos não sentiram prazer em assistir ao vídeo, apenas 1 relatório foi marcado com a opção “não concordei com a idéia do filme” justificando” Isso é uma idiotice, comparar garotos com garotas”, por ter sido um caso isolado, podemos considerar que este vídeo sensibilizador cumpriu seu papel em mostrar as sutis estruturas de hierarquização e inferiorização da mulher, atingindo positivamente 98% dos alunos pesquisados, que identificaram as questões de gênero pertinentes ao trabalho., que durante o questionário inicial não haviam sido percebidas.

Vídeo 2 - Documentário Eu, machista.

Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=TjgB\\_zHN4DA](https://www.youtube.com/watch?v=TjgB_zHN4DA)) - acesso em: 10/08/2015

Este documentário de aproximadamente 10 minutos causou maior desconforto, principalmente por parte dos meninos do grupo. O título Eu machista fez com que muitos meninos se fechassem, não quisessem escutar o que estava sendo dito, se revoltassem

como se estivessem sendo rotulados como machistas por terem o sexo masculino. Assim, este vídeo necessitou de mais intervenção, precisei diferenciar com eles que ser homem não é necessariamente o mesmo que ser machista, que eles não estavam sendo acusado de nada e que precisariam assistir ao documentário de forma imparcial e crítica, tentando entender a mensagem do que estava sendo transmitida. Em alguns momentos do vídeo pude perceber um certo agito e mudança de postura em relação ao que estava sendo dito, uma postura diferente da percebida na primeira análise, mais tensa e reflexiva.

Dos 47 relatórios, 11 foram marcados com a opção “não gostei” (10 meninos e 1 menina), destes apenas 6 não concordaram com o teor do vídeo, 4 deles apresentaram discursos de ódio e intolerância demonstrando falta de maturidade na discussão do assunto e que eles não assistiram ao vídeo com atenção. Mesmo assim, o resultado desta aplicação foi positiva, pois 87% dos alunos pesquisados conseguiram perceber e identificar as discrepâncias e diferenciações de gênero presentes no dia a dia o que é uma grande diferença se compararmos com as questões respondidas no questionário inicial onde mais da metade dos alunos não percebia diferença nenhuma entre mulheres e homens na questão de direitos e exigências perante a sociedade.

### Vídeo 3 - Flap Jack- Questão de gênero

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bo4lFbce6xE> - acesso em: 10/08/2015

Este terceiro vídeo era um episódio de desenho animado já conhecido pelos alunos que trazia a questão de gênero, sobre a voz, forma de andar, falar e agir... que concedem ou não o status de menino ou menina para os indivíduos. O objetivo deste vídeo era demonstrar como sutilmente a sociedade e as pessoas rotulam e regulam umas as outras o tempo inteiro, causando em dados momentos desconforto e confusão ao indivíduo que não se encaixa em todas as suas exigências. Este por ser um vídeo divertido agradou 100% dos alunos, e no geral eles conseguiram identificar os estereótipos de gênero representados no vídeo. 11 alunos, dos 47 marcaram a opção de concordar com os estereótipos apresentados, identificando que para ser menina precisa-se ser delicada e que para ser menino precisa-se ter voz grossa e caminhar “como homem”. Mesmo que quase 25% da turma tenha concordado com os estereótipos de gênero, afirmando que estes estão certos, a

análise deste vídeo pode ser considerada satisfatória, pois 76% dos alunos conseguiram identificar os estereótipos e não concordaram com o que estava sendo transmitido.

Assim, se no princípio os alunos não viam diferenças nas exigências masculinas e femininas durante a aplicação do questionário inicial, agora eles passaram a identificar com mais facilidade e criticidade estes mecanismos de regulação.

#### 5.4.2 Vídeo comparado

A segunda tarefa a ser realizada com as turmas foi a de vídeo comparado. O objetivo desta atividade era fazer com que cada aluno pudesse perceber os estereótipos e formas de induzir a compra de produtos baseada nas questões de gênero e o quanto estes comerciais podem ou não influenciar a forma de viver das pessoas, legitimando e reproduzindo preconceitos e limitações relacionados ao gênero.

A primeira análise comparada de vídeos foi a de dois comerciais de brinquedos destinados ao público feminino, um deles apresentava de forma maçante e cansativa uma série de produtos para cozinha (<https://www.youtube.com/watch?v=2iw3TYktecQ>) o outro trazia uma série de produtos que visavam incentivar jovens garotas a serem engenheiras e a não reproduzirem estereótipos de feminilidade que as simplificassem, trazendo uma postura desafiadora e criativa aos brinquedos femininos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IIGyVa5Xftw> acesso em: 10/08/2015

Dos 41 alunos que responderam a este questionário, 25 alunos preferiram o segundo comercial, 7 não gostaram de nenhum, 6 preferiram os dois e 3 preferiram o primeiro comercial.

Quando questionados sobre que tipo de brinquedos comprariam para uma criança do sexo feminino. Apenas 5 alunos responderam que comprariam brinquedos do comercial de número dois, demonstrando o quanto é difícil escapar a tendência de reproduzir estereótipos. 18 alunos afirmaram que comprariam os produtos do comercial 1, muitos afirmando que eram produtos que já brincavam quando pequenos (8 alunas), que eram produtos mais femininos e que eram bons para as meninas aprenderem e “criarem gosto” pelas coisas de casa.

18 dos alunos que responderam a pesquisa afirmaram não comprar nenhum dos produtos oferecidos, muitos justificaram que ambos os comerciais eram extremos (5

alunos), mas 12 alunos afirmaram que comprariam o que a criança pedisse, o que ela quisesse e que levariam a criança para escolher os próprios brinquedos.

Embora este resultado apresente um grande nível de reprodução de conceitos e atitudes, também mostra o quanto muitos dos alunos estão passando a enxergar as crianças como sujeitas, com seus próprios gostos e vontades.

Em seguida, aos alunos foi perguntado: “E se uma criança do sexo masculino se interessasse por um dos produtos da primeira propaganda, você.

Apenas 4 alunos admitiram não deixar a criança brincar por medo de influenciar na sexualidade e gênero da criança, 35 alunos responderam que deixariam brincar livremente e 1 respondeu que deixaria a criança brincar desde que ninguém visse.

Este foi um resultado interessante pois representa um respeito crescente à liberdade de escolha da criança em decidir com o que se quer brincar sem ser perturbado pelos conceitos dos adultos ou por limitações referentes ao gênero da criança.

Podemos concluir que de acordo com as respostas, uma quantidade significativa dos alunos que participaram da pesquisa daria brinquedos extremamente estereotipados à uma criança do gênero feminino se a escolha e a decisão de compra coubessem a eles, reproduzindo e delimitando o que seria permitido ou não para cada sexo brincar, sem ao menos perceberem que estavam reproduzindo conceitos e delimitando fronteiras entre os gêneros. Felizmente, uma quantidade tão significativa quanto, demonstrou que se a criança escolhesse diferentemente eles, em teoria, acatariam os gostos da criança independentemente do seu gênero.

A segunda tarefa de vídeo comparado era relacionada aos comerciais de cerveja de diferentes marcas, onde cada aluno teve que comparar e identificar as diferenças e semelhanças entre os comerciais apresentados, identificando o público ao qual são destinados cada um deles e as questões referentes ao gênero que pudessem estar envolvidas em cada um dos comerciais.

O primeiro comercial era um comercial da cerveja Heineken:

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pzdgj2QxKPg> Acesso em: 15/09/2015

Neste comercial a empresa fez uso dos estereótipos de gênero para promover a marca, no vídeo é representado que todo homem gosta de cerveja e que as mulheres gostam de sapatos e roupas.

No segundo comercial, encomendado pela marca Itaipava.

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Xos2z449R4k> Acesso em: 15/09/2015

A empresa faz uso da imagem de uma mulher, de seios fartos, roupa curta e muito bonita para fazer referência ao verão e a cerveja que deveria ser tomada.

No terceiro comercial, da cerveja Boêmia:

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sg0ZK15D1JU> Acesso em: 15/09/2015

A empresa expõe a qualidade da cerveja, deixando claro que o que deveria valer era a qualidade da cerveja e não as mulheres presentes nos comerciais.

24 relatórios apresentaram preferência pelo comercial de número 3, justificando que o comercial 3 era o melhor pois visava atingir todos os públicos, não apresentava estereótipos de gênero e focava-se na qualidade de seu produto. 6 relatórios apresentaram gostar de todas as propagandas, 1 relatório foi marcado com a opção “nenhum”, 4 preferiram o comercial número 2 pela aparição da mulher bonita e 9 gostaram do comercial 1 por ser engraçado ou por acreditar nos estereótipos propostos.

#### 5.4.3 Vídeo debate

A última atividade que consistia em um vídeo como base para um debate. Esta dinâmica foi bem proveitosa, cada aluno escreveu no relatório suas primeiras impressões e depois teve a oportunidade de expor suas idéias. Poucos alunos participaram da atividade ativamente pois consistia em um assunto polêmico envolvendo violência e homofobia. No geral houve um repúdio aos casos de violência mostrados, mesmo entre aqueles que não gostaram do vídeo.

Apenas 4 alunos apresentaram não gostar do vídeo, um deles por achar forte e triste e dois justificaram que “mulher foi feita para o homem”, “não sou homofóbica, mas acho errado o que essas pessoas fazem.

O debate a cerca da homofobia foi muito interessante pois demonstrou a importância de visualizar e discutir o assunto, Durante a atividade muitos alunos mudaram sua postura e as brincadeiras homofóbicas e misóginas diminuíram significativamente, pois eles perceberam a gravidade dos resultados do *bullying* homofóbico que envolviam

depressão, perseguição e suicídio. Eles se sensibilizaram e muitos se posicionaram terminantemente contra este tipo de violência.

O vídeo abordou também um pouco da transfobia e a difícil vida dos transexuais que ficavam a margem da sociedade e do mercado de trabalho. Este assunto instaurou um pouco de polêmica entre os alunos e me motivou a encerrar as práticas com uma sessão de cinema na escola com o filme francês “Ma vie en rose” de 1997, que mesmo antigo trás o tema da transexualidade com uma leveza e sensibilidade ímpar. No geral os alunos prestaram atenção ao filme, alguns reagiram com estranheza, mas acredito que a pesquisa, as atividades e o filme foram interações significativas para muitos alunos e que de acordo com os resultados obtidos, estas ajudaram e causaram transformações na forma de ver o mundo e as pessoas na vida destes jovens.

## 6 CONCLUSÃO

Ao final deste trabalho, pudemos concluir que o uso do vídeo como ferramenta na visibilidade das questões de gênero é de grande importância, pois desde o início até o término das práticas, mesmo que durante um curto período, pudemos observar mudanças na argumentação e percepção dos alunos sobre o tema, de forma natural e transformadora onde cada aluno conseguiu questionar por e em si mesmo os estereótipos, os padrões e as formas de viver em sociedade.

No desenvolvimento de cada etapa do trabalho com os vídeos, os alunos registraram em seus relatórios suas opiniões. O objetivo destes relatórios era identificar a forma com que cada um pensava sobre gênero antes de qualquer interferência, para identificar mudanças sutis e significativas de opinião e linha de argumentação que cada aluno poderia desenvolver durante o processo a que seria exposto.

Durante as práticas com os vídeos ficou perceptível mudanças não somente nas concepções apresentadas primeiramente no questionário, mas também na postura dos alunos que se encontrou mais aberta e menos resistente ao “novo” a que foram apresentados. Os argumentos desenvolvidos ao longo do acesso aos vídeos bem como a representação dos sentimentos trazidos a partir de cada vídeo instigou o debate na turma sendo baseado em argumentações e reflexões, abolindo aos poucos os discursos de ódio e piadas sobre o tema.

Este tipo de abordagem deve estar presente na escola, pois é lá que o cidadão se constitui e é este o local onde a discussão de gênero deve, precocemente, tomar espaço. Se quisermos mudanças, precisamos ocasioná-las e o vídeo que serve para impor padrões de comportamento também pode servir como fator decisivo na libertação e quebra de paradigmas.

Sendo assim, podemos concluir que o vídeo consiste em uma poderosa ferramenta que deve ser utilizada sempre que possível em sala de aula, trazendo o debate e a visibilidade não somente às questões de gênero na escola, mas diversas outras questões pertinentes ao ambiente escolar. O uso do vídeo possibilita o desenvolvimento de novas percepções do mundo e o questionamento de certas verdades tidas como únicas e absolutas ressaltando o caráter transformador da educação e evitando uma série de reproduções de



conceitos e preconceitos desnecessários, que atrasam ou que impedem diversas mudanças tanto no ambiente escolar como fora dele.

Infelizmente, não podemos dizer que as questões de gênero como um todo foram resolvidas, mas graças ao uso do vídeo e das dinâmicas propostas, muitas destas questões foram desmitificadas e abriram portas para novas discussões sobre o tema e outros que exijam a transgressão de normas sociais já ultrapassadas e restritivas.

Sabemos que as mudanças não ocorrem da noite para o dia e que rever as estruturas sociais não é tarefa fácil, mas esperemos que nos próximos anos, o Brasil e a educação brasileira consiga evoluir através de estudos e pesquisas como esta que demonstram a importância de discutir sobre esta temática, no sentido de educar para a liberdade, igualdade e o respeito permitindo que a educação de nossas crianças seja menos dogmática e que possamos viver em uma sociedade onde todos consigamos ser nós mesmos independente do gênero com o qual nos identificamos. Se falar em gênero é mostrar ao mundo que existem diversas formas de viver e ser na sociedade, é reconhecer que todos somos diferentes e que temos este direito, é combater o sexíssimo que oprime, rotula e restringe, é tornar visível diferentes formas de viver, ser, buscar a felicidade e agir com liberdade... Então, vamos falar sobre gênero, pois para além das militâncias, cabe a nós cidadãos entendermos que estas questões precisam, acima de tudo, serem vistas. A partir destes estudos podemos desenvolver novas pesquisas, aprofundando o assunto e abordando diversas outras questões que se referem às desigualdades de gênero, representando uma modesta porém importante contribuição para os estudos e visibilidade do tema dentro e fora da educação escolar.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E.B., Moran, J.M. **Integração das Tecnologias na Educação**, São Paulo, [s.n] 2005.
- DEIFELT, Wanda. **Temas e metodologias da Teologia Feminista**. In: SOTER. Gênero e teologia: interpelações e perspectivas. São Paulo: Loyola, Paulinas, Belo Horizonte, 2003
- LEITE, Ligia Silva. **Tecnologia Educacional: Descubra suas possibilidades na sala de aula**. São Paulo, Pontes, 2010.
- MORAN, José Manuel Moran. **As mídias na educação**. São Paulo, Cortez, 2009.
- MOUWEN, John C; MINOR, Michael S. **Comportamento do consumidor**. Tradução de Vera Jordan. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2003.
- NARDI, H C.et al. **Diversidade Sexual, Relações de Gênero e Políticas Públicas**. Porto Alegre, Sulina, 2013.
- POCAHY, F. (org). **Políticas de enfrentamento ao heterossexismo: corpo e prazer**. Porto Alegre, Nuances, 2010
- REVELLI – **Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas**. Disponível em:  
[http://www.pucrs.br/famat/viali/tic\\_literatura/artigos/videos/Revelli.v2.n1.artigo03.pdf](http://www.pucrs.br/famat/viali/tic_literatura/artigos/videos/Revelli.v2.n1.artigo03.pdf)
- RUDIGER, F. **O amor e a mídia: Problemas de legitimação do romantismo tardio**. Porto Alegre, UFRGS, 2013.
- WHONRATH, F.M. **Audiovisual na sala de aula: Estudo de trabalhos de produção de vídeo como instrumento pedagógico no processo de ensino-aprendizagem**. Campinas, 2008. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp127440.pdf>

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO**

Questionário 1:

Nome: \_\_\_\_\_

Turma: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

1-Sexo: ( ) Masculino ( ) feminino ( ) intersex

2-Em relação ao meu gênero me identifico como:

( ) Menina-Mulher ( ) Menino-Homem ( ) transgênero ( ) outro: \_\_\_\_\_

3-Em relação a minha sexualidade me identifico como:

( ) heterossexual ( ) homossexual ( ) bissexual ( ) outro: \_\_\_\_\_

4- Em sua opinião você acha que homens e mulheres têm os mesmos direitos e deveres na sociedade?

( ) sim ( ) não

Justifique: \_\_\_\_\_

5- Você acredita que homens e mulheres têm funções específicas exigidas pela sociedade?

( ) sim ( ) não

Se sim, quais são elas?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Você concorda com elas? ( ) sim ( ) não

6- Você acredita que exista um ideal de mulher na sociedade?

( ) sim ( ) não

Se sim, você concorda com este ideal? ( ) sim ( ) não

Especifique como seria esta mulher:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

7- Você acredita que exista um ideal de homem na sociedade? ( ) sim ( ) não

Se sim, você concorda com este ideal? ( ) sim ( ) não

Especifique como seria este homem:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

8- Como você se sente em relação ao seu corpo? (O que gosta o que mudaria...)

---

---

9- liste cinco atividades que você gosta ou gostaria de fazer, em ordem de preferência:

---

---

10- Você já teve vontade de fazer algo e deixou de fazer ou pensou em deixar de fazer por medo do que outros iriam pensar? ( ) sim ( ) não

Se sim, o quê?

---

---

## APÊNDICE B - ATIVIDADE

Nome: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

Vídeo 1- Como uma garota

Assunto: Estereótipos de gênero

Sobre o que você assistiu, responda com sinceridade:

( ) gostei do vídeo ( ) não gostei do vídeo

Que sentimentos o vídeo me traz? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Qual a mensagem central do vídeo que você entendeu)? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Você concorda com esta mensagem? ( ) sim ( ) não

Vídeo 2-Eu, machista

Assunto: Machismo, feminismo, patriarcado, estereótipos de gênero, sociedade.

Sobre o que você assistiu, responda com sinceridade:

( ) gostei do vídeo ( ) não gostei de vídeo

Que sentimentos o vídeo me traz? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Qual a mensagem central do vídeo que você entendeu)? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Você concorda com esta mensagem? ( ) sim ( ) não

Vídeo 3- Flap Jack

Assunto: Estereótipos de gênero

Sobre o que você assistiu, responda com sinceridade:

( ) gostei do vídeo ( ) não gostei do vídeo

Que sentimentos o vídeo me traz? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Anote aqui os estereótipos de gênero que o vídeo nos traz:

Masculino: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Feminino: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Você concorda com estes estereótipos? ( ) sim ( ) não

## APÊNDICE C- VÍDEO COMPARADO

Nome \_\_\_\_\_ e  
 turma: \_\_\_\_\_  
 Vídeo comparado:

Comerciais de brinquedos para” meninas”:

Vídeo 1- Brinquedos para meninas Magic Toys

Vídeo 2- Comercial para futuras engenheiras Goldie blox

Escreva as principais diferenças que você percebeu entre os comerciais: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Qual comercial você gostou mais? ( ) vídeo 1 ( ) vídeo 2 ( ) nenhum ( ) os dois

Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Alguns dos comerciais reforça os estereótipos do gênero feminino? ( ) vídeo 1 ( ) vídeo 2 ( ) nenhum dos comerciais

Qual brinquedo dos apresentados nos comerciais você preferiria comprar para uma criança do sexo \_\_\_\_\_ feminino? Por quê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

E se uma criança do sexo masculino se interessasse por um dos brinquedos da primeira propaganda, você:

( ) daria de presente

( ) deixaria brincar pois louças, pias e bebês estão presentes no cotidiano de todos não interessando o sexo

( ) não deixaria brincar pois tem muito rosa e rosa é coisa de menina

( ) deixaria brincar desde que ninguém visse

( ) deixaria brincar livremente, isso não mudará o sexo da criança e nem sua orientação sexual

( ) não deixaria brincar, pois pode influenciar a criança a ser gay ou transexual

( ) resposta pessoal: \_\_\_\_\_

Vídeo comparado:

Comerciais de cerveja

Vídeo 1- Comercial Heineken

Vídeo 2- Comercial Itaipava

Vídeo 3- Comercial Bohemia

Faça uma comparação entre os comerciais, Que diferenças e semelhanças você conseguiu perceber com relação aos gêneros e seus estereótipos?

---

---

---

No comercial 1, como são representados os gostos de homens e mulheres? Será que toda mulher gosta de roupas e todo home gosta de cerveja?

---

---

---

Qual comercial você mais gostou? ( )vídeo 1 ( )vídeo 2 ( ) vídeo 3 ( ) nenhum  
( ) todos Por quê? \_\_\_\_\_

---

---

---

Vídeo sobre sexualidade e questão de gênero na escola.

( ) gostei do vídeo ( ) não gostei do vídeo ( ) mais ou menos

Escreva o que lhe chamou atenção no vídeo, o que você entendeu, o que achou importante...

---

---

---

---